

NOTAS FOTO(CARTO)GRÁFICAS DE DESEJOS EM BANHEIROS ESCOLARES

*Eixo Temático: Formas de Viver e Desejar na Arte e na Geografia:
Perspectivas para pensar Corpo, Gênero e Sexualidade*

Ruan Felipe Carvalho Vilhena¹
Wilma Nonato de Brício²

RESUMO

Artigo que objetiva foto(carto)grafar trans(ins)crições nos banheiros escolares e traçar notas a respeito de exposição de desejos, nas escolas públicas no município de Abaetetuba/PA. Os banheiros de cinco Escolas Públicas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio participaram da pesquisa, levando em consideração o conceito de heterotopia proposto por Foucault (FOUCAULT, 1994). Os registros fotográficos e seus usos foram pensados numa perspectiva de enquadramento analisada por Butler (BUTLER, 2015). Compuseram a tessitura metodológica dessa foto(carto)grafia o aporte teórico dos autores: Deleuze&Guattari (2011) e Rolnik (2016). (in)concluo que as mensagens trans(ins)critas nos banheiros escolares asseguram o anonimato da exposição dos desejos que por sua vez traçam novos rizomas.

Palavras-chave: Banheiros escolares, Foto(carto)grafia, Desejos.

INTRODUÇÃO

Este texto é um pequeno rizoma da dissertação de mestrado intitulada; Territórios heterotópicos: cartografia dos dispositivos de desejos nos banheiros escolares na cidade de Abaetetuba/PA³. Para o desenvolvimento desta cartografia foram contactadas dez Escolas Públicas de Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Ensino da cidade

¹ Graduado em pedagogia pela Universidade Federal do Pará e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades: Territórios e Identidades (PPGCITI/UFPA). felipecarvalho.ped@gmail.com;

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, Professora da Universidade Federal do Pará e Líder do Grupo Experimentações: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo, Subjetividade e Sexualidade na Educação Básica, briciovn@gmail.com

³ Dissertação de mestrado defendida em março de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Cidades: Territórios e Identidades (PPGCITI/UFPA).

de Abaetetuba/Pa, no entanto, somente a metade aceitou participar da pesquisa. Desta forma, busca-se foto(carto)grafar trans(ins)crições nos banheiros masculinos e femininos escolares e traçar notas a respeito do banheiro escolar e exposição de desejos acionadas por jovens estudantes de escolas públicas no município de Abaetetuba/Pa.

Para traçar esta cartografia iniciei minhas expedições com base em alguns equipamentos analíticos fundamentados em Deleuze&Guattari (2011) e Rolnik (2016), que foram lapidados no decorrer das viagens, para que assim eu pudesse ir em busca de corpos empíricos. “as cartografias que se seguem trazem marcas dos encontros que as foram constituindo: sinais dos estrangeiros que, devorados, desencadearam direções em sua evolução.” (ROLNIK, 2016, p. 24).

Trabalhar e descrever o método cartográfico “[...] nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE, 2011, p.19). É mapear e indicar multiplicidades e possibilidades de viagens em terras estrangeiras. O cartógrafo precisa estar aberto para as infinitas oportunidades que poderão surgir em suas viagens.

Também foram acionados autores como Foucault (1994) e Butler (2015). Foucault, por sua vez, ajudou a refletir o banheiro escolar como espaço heterotópico marcado pela itinerância e passível de construção de possibilidades de existências. Butler, na obra *Quadros de Guerra*, põe em reflexão o uso das fotografias a partir da teoria do enquadramento proposta inicialmente pelo sociólogo Erving Goffman.

Encerro esta foto(carto)grafia (in)concluindo que os desejos foto(carto)grafados, bem como os territórios heterotópicos, foram significativamente importantes para compreender que estes espaços marcados pela itinerância, possibilitam de forma segura e anônima, traçar linhas de fugas das normatizações da sociedade e dos modos de ser sujeitos.

Nota 1: Passos e compassos; os banheiros



Imagem 1. Fonte: Arquivo do autor (2021)

Os banheiros cartografados, durante o período de pesquisa, neste caso os banheiros escolares, eram sempre incógnitos, sinuosos durante toda caminhada. Uma sensação diferente para cada banheiro. Não é fácil caminhar nesses territórios, “eles não existem”, ou no mínimo não são percebidos, pelo menos não para mim e nem para Foucault, compartilho a mesma ideia que ele;

Há igualmente – e isso provavelmente em toda cultura, em toda civilização – lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-aloções, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as alocações reais, todas as outras alocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e investidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as alocações que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias. (FOUCAULT, 1994, p. 115 - 116).

Heterotopias, Foucault não pensou especificamente no banheiro escolar quando cunhou esse conceito, mas obviamente o banheiro está presente aí no meio. Daí uma das dificuldades de caminhar por este território, ninguém o vê como lugar passível de existência, mesmo havendo vida. O banheiro existe, mas antes dele existe a casa de forma geral, os quartos, a cozinha, a sala, locais que são mais agradáveis digamos assim, tomando como exemplo uma residência. Então, não há a necessidade de se pensar no

banheiro como um lugar de experimentações, um espaço de produção de vida ou de desejos, até porque o mesmo nos remete a um espaço de expurgação de impurezas, certo?

Veja, não é bem por aí, existe uma dualidade sobre a representação do banheiro. Por um lado temos um santuário, principalmente quando se trata do banheiro de residências particulares, com seus revestimentos em tons claros, destacando o branco em alguns casos, perfumes florais, temos o espelho, este deve refletir a imagem do sujeito purificado.

De outro lado temos o banheiro público; aqui se encaixam os químicos, os escolares, de rodoviárias, de clubes, de festas, arenas e tantos outros que estejam disponíveis para o uso de todos. Ele representa o reverso do banheiro particular. Fétido, asqueroso, alagado, velho e abandonado, escuro, marginal e clandestino, almoxarifado das impurezas.

Os binarismos em torno do que é e do que não se é, fazem que o banheiro vá ganhando, neste caso em questão, espaços opostos mas que ao mesmo tempo ocupam o mesmo espaço, com disputas distintas. Tendo em vista essas considerações, avalio como instrumento cartográfico o conceito de heterotopias, proposta por Foucault, como ferramenta analítica para a desenvolver a proposta desta nota, pois estes lugares diferentes, ou lugares outros se constituem em espaços de resistências, transgressões e disputas. Foucault ao analisar os princípios da heterotopia argumenta:

[...] as heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante. Em geral, não se entra em uma heterotopia como em um moinho, entra-se porque se é obrigado (as prisões, evidentemente), ou entra-se quando se foi submetido a ritos, a uma purificação. Há até mesmo heterotopias inteiramente consagradas a esta purificação. Purificação meio-religiosa e meio-higiênica, como nos *hammams* dos muçulmanos, ou como nas saunas dos escandinavos, purificação somente higiênica, mas que carrega consigo todo tipo de valores religiosos ou naturalistas. (FOUCAULT, 1994, p. 26-27).

Esses banheiros são perigosos, pois fedem a pecado; “*minha pica no cu de quem está lendo*”, “*sexo a três?*” “*novinho dotado*”, “*deixe minha xoxota melada*”, “*amo uma rola grande e grossa leitando na minha boca*”, esses são alguns dos exemplos dos quais podemos encontrar facilmente em banheiros públicos, e mais especificamente, neste caso, nos banheiros escolares. Esses banheiros devem ser purificados ou evitados e até invisibilizados de modo que de fato ele não seja lembrado devido a tudo que ele representa.

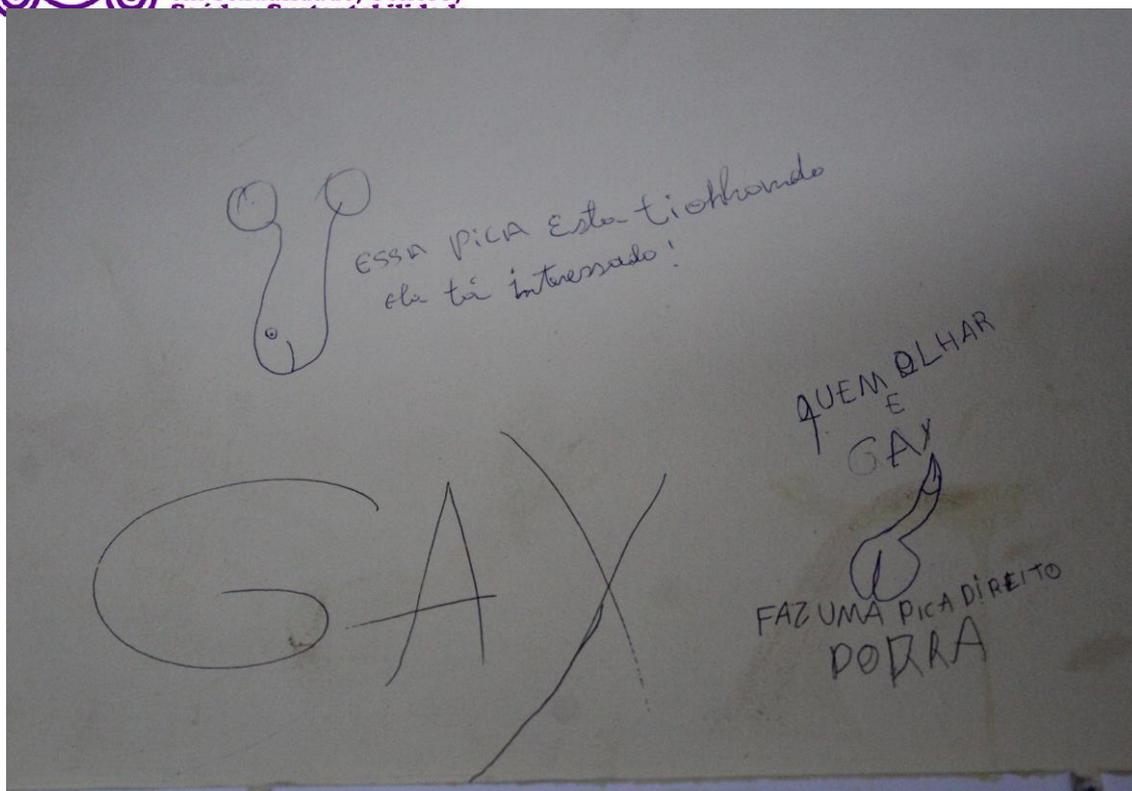


Imagem 2. Fonte: Arquivo do autor (2018)

Mas ele existe, mesmo que não seja localizado geograficamente, ele existe até quando é evitado. Ele existe quando é mais aprimorado e não existe quando está à margem. Ele localiza-se no entrelugar, entre o sagrado e o profano. Estar posto nesses limites é o que lhe possibilita existências, disputas, resistências, em outras palavras o que possibilita produções de vidas, querências de desejos, performances.

Nota 2: mapeamentos fotográficos

Foram operadas estratégias de marcações que envolveram ligações entre territórios heterotópicos (que neste caso são os banheiros escolares), mapas e desejos. Mesmo com todas as “precauções metodológicas” como diria Foucault, este cartógrafo aprendiz produziu um enquadramento da perspectiva a partir do qual os desejos trans(ins)critos nos banheiros foram fotografados considerando determinados modos de interpretação, pois o enquadramento “circunscreve uma realidade cujo funcionamento se dá pelo próprio enquadramento” (BUTLER, 2015, p. 127).

A perspectiva a partir da qual fotografei as trans(ins)crições não visam se alinhar aos enquadramentos existentes (jurídicos, normativos, políticos, sociais, econômicos), como analisa Butler (2015) sobre as fotografias de guerra, mas como modo de pensar o

desejo não como norma ou lei, mas, sobretudo para “resistir à sua instrumentalização coercitiva no presente e a fim de que ela possa ser útil para uma nova política democrática radical” (BUTLER, 2015, p. 156).



Imagem 3. Fonte: Arquivo do autor (2018)

As fotografias se tornam um recurso no qual é possível registrar as intensidades sexuais desejantes, não como forma de congelar ou fixar essas produções de desejo, mas para constituir mapas panorâmicos de fácil visualização dos movimentos do desejo. Mapas que acompanhem processos de subjetivações, possibilitando formas outras de mapeamentos cartográficos de desejos.

Nota 3: dos desejos nas paredes dos banheiros

Esse lugar solitário, secreto, interrogador, clandestino, impuro e culposos que o homem civilizado arquitetou para a excreção fisiológica e outras práticas higiênicas, acaba tornando-se (entre outras funções tidas como proibidas) também veículo de expressão pessoal, suporte físico e ambiental de uma literária peculiar, mural da garantida audiência para nossas acertadas e espirituosas observações sobre nós mesmos, sobre o mundo, sobre tudo. Território sujo e livre que parece oferecer-nos segurança, anonimato, intimidade, o banheiro é um dos locais onde mais se produzem grafitos em nossa sociedade. (BARBOSA, 1986, p. 77).

Barbosa denomina essas mensagens trans(ins)critas nos banheiros como grafitos. Gustavo Barbosa teve grande contribuição nos estudos sobre essas mensagens, porém os desejos que neste caso são representados pelos grafitos ou mensagens trans(ins)critas são, portanto, multiplicidades desejantes que não param de ser (re)produzidos com seus variados conteúdos nos banheiros escolares.

“A intimidade tem o seu local próprio que escapa aos olhares mais curiosos” (COUY, 2005, p. 44). A intimidade possui práticas estritamente relacionadas à sexualidade e aos desejos, pois “hoje em dia a ‘sexualidade’ tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados” (GIDDENS, 1993, p. 25).



Imagem 4. Fonte: Arquivo do autor (2018)

“Ora, o desejo então seria, exatamente, essa produção de artifício” (ROLNIK, 2016, p. 37). Os artifícios do desejo estão sempre presentes em diversos aspectos e podem estar em qualquer lugar, e especificamente no caso das mensagens trans(ins)critas nos banheiros escolares, o desejo neste caso se transforma em trans(ins)crições que podem muitas vezes terem seus discursos mal compreendido, no sentido de ser desviante ou perigoso.

Os territórios foram cartografados para que fosse possível romper com estruturas que solidificam as pesquisas, levando em consideração que este método não busca construir uma verdade, mas expande as intensidades desejantes que compõem o território do banheiro escolar. Cabe destacar o papel do cartógrafo, uma vez que o mesmo busca compreender as estratégias do desejo:

Aqui, como vimos, trata-se exatamente do contrário: desejo é artifício; são aglomerados de afetos-e-língua, indissociáveis, formando constelações existenciais singulares. É essa a sua natureza. Portanto, dizer aqui que a prática de análise é política tem a ver com o fato de que ela participa da ampliação do alcance do desejo, precisamente em seu caráter de produtor de artifício, ou seja, de produtor de sociedade. (ROLNIK, 2016, p. 70).

Entender os desejos como dispositivos que subvertem padrões solidificados de sujeitos e sua relação com a sexualidade implica em produzir e analisar como os grafitos

de banheiros escolares são produções que servem para expressar subjetividades desejantes de alunos de escolas da rede estadual de ensino da cidade de Abaetetuba/PA.

Os fenômenos de produção da subjetividade possuem como características o movimento, a transformação, a processualidade. Por tal natureza, a subjetividade é refratária a um método de investigação que vise representar um objeto e requer um método capaz de acompanhar o processo em curso. (KASTRUP, BENEVIDES DE BARROS, 2009, p. 76).



Imagem 5. Fonte: Arquivo do autor (2018)

A cartografia é um método que possibilita a analítica do processo de constituição da subjetividade, pois não é um método baseado em regras, mas sim em movimentos que vão sendo (re)configurados no percurso do cartógrafo e na própria construção da cartografia. “O método vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios” (KASTRUP, BENEVIDES DE BARROS, 2009, p. 77). O cartógrafo deve portanto, estar atento para os movimentos de subjetividades que vão transformando durante as expedições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os caminhos percorridos para traçar esta foto(carto)grafia, os afectos que atravessaram cada banheiro escolar, leitura, reflexões, experimentações, inquietações e as lembranças que foram acionadas neste percurso. Ao final vislumbro novas perspectivas, são deslocamentos que me conduzem para uma nova forma de pensar sobre a cartografia como possibilidades de vidas .

Encerro esta foto(carto)grafia, de forma alguma fechando suas entradas, com a (in)conclusão que os desejos trans(ins)critos fotografados, bem como os territórios heterotópicos, foram significativamente importantes para compreender que estes espaços marcados pela itinerância, possibilitam de forma segura e anônima, traçar linhas de fugas das normatizações da sociedade e dos modos de ser sujeitos. Mas, para além da simples fuga, traçam-se rizomas de desejos outros que se ligam com diferentes formas de existir, viver e experimentar vidas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro:** a literatura proibida. Rio de Janeiro: Anima, 1986.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? Tradução Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COUY, Venus. **Mural dos nomes impróprios:** ensaio sobre grafite de banheiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia (vol.1). Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição).

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros.** Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Revisão técnica de Fraya Frehse. O original em francês “Des espaces autres”. Publicado em Dits et écrits, v.5, Paris: Gallimard, 1994, p.752-62.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pista do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.